

# CEILÂNDIA

e as invasões urbanas

*GU DA CEI*



**Ceilândia  
e as invasões urbanas**

*GU DA CEI*

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.**

**Área de Concentração:**

Métodos, Processos e Linguagens

Linha de Pesquisa: Deslocamentos e Espacialidades

Orientadora: Profa. Dra. Luisa Günther

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Luisa Günther (Orientadora)

Profa. Dra. Karina e Silva Dias (Examinadora)

Prof. Dr. Gabriel Teixeira Ramos (Examinador)

Prof. Dr. Christus Menezes da Nóbrega (Suplente)

**Ceilândia, 2023**

## RESUMO

A missão de construir Brasília incentivou a migração de milhares de trabalhadores, principalmente de origem nordestina. Embora estivessem construindo a nova capital do Brasil, que deveria ser de todos os brasileiros, os operários foram impedidos de habitá-la. Ceilândia, cidade mais populosa do Distrito Federal, nasce de uma Campanha de Erradicação de Invasões, em 1971, que removeu mais de 80 mil moradores. Este trabalho propõe invasões urbanas para traçar novas narrativas e promover a (re)ocupação desses territórios. Arte sobre direito à cidade, vigilância e mobilidade urbana.

Palavras-chave: Brasília; Ceilândia; invasão; história; arte; direito à cidade; vigilância; mobilidade urbana.

## ABSTRACT

The mission to build Brasília encouraged the migration of thousands of workers, mainly from the Brazilian Northeast. Although they were building the new capital of Brazil, which should belong to all Brazilians, the workers were prevented from inhabiting it. Ceilândia, the most populous city in the Federal District, was born from a Campaign to Eradicate Invasions, in 1971, which removed more than 80,000 inhabitants. This paper proposes urban invasions in order to outline new narratives and promote the (re) occupation of these territories. Art about the right to the city, surveillance and urban mobility.

Keywords: Brasília; Ceilândia; invasion; history; art; right to the city; surveillance; urban mobility.

# SUMÁRIO

VEM	8
A VIDA DE CEILÂNDIA	28
MORADIA, TRANSPORTE E VIGILÂNCIA	46
VIGIA	78
INVASÕES URBANAS	96
SEJA INCANSÁVEL	176
ALTO E ESTRIDENTE	179
COLABORARAM COM SUA ARTE	184
BIBLIOGRAFIA	186

Imagem 1: Escultura “Sonho de morar” e performance “Território em trânsito”. Gu da Ceí, 2023.  
Foto por Tais Castro.



O Brasil é uma invasão. Desde a violação dessa grande terra indígena, em 1500, os colonizadores promovem destruição e carnificina em nosso território. Território este que já teve três capitais: Salvador (1549-1763), Rio de Janeiro (1763-1960) e Brasília, a partir de 21 de abril de 1960.

A construção de Brasília no meio do Centro-Oeste, sob a promessa de “50 anos em 5” pelo então presidente Juscelino Kubitschek, estimulou a migração de milhares trabalhadores, sobretudo do Nordeste. Embora estivessem construindo a nova capital do Brasil, que deveria ser de todos os brasileiros, os operários foram menosprezados. Levantaram toda uma cidade onde há registros de ocupações de mais de 11 mil anos.

Antes mesmo da inauguração da nova capital federal ficou evidente que o projeto modernista reafirmava a desigualdade histórica que constitui o Brasil. Operários, tratados como indignos de fazer morada na capital, já em 1958 foram transferidos para Ta-

guatinga<sup>1</sup>, primeira cidade no Distrito Federal (DF) criada para pôr fim aos aglomerados humanos chamados de “invasões”, ou favelas, próximos ao Plano Piloto de Brasília. Começa o pesadelo de não habitar o sonho.

Embora o DF não seja composto por municípios, suas regiões administrativas são reconhecidas aqui como cidades, com o propósito de desmistificar a concepção de que existe uma só Brasília. Os candangos, designação dada aos trabalhadores brasileiros que participaram da construção de Brasília, residiam em alojamentos situados nas proximidades das obras, o que possibilitava uma vigilância contínua por parte dos patrões.

Eles realizavam migrações de um canteiro de obras para outro à medida que as construções eram finali-

---

1. ARQUIVO PÚBLICO DO GOVERNO FEDERAL. Administração Regional de Taguatinga. Secretaria de Estado de Fazenda do Distrito Federal. Taguatinga, cosmopolita e independente com ritmo de cidade grande. **Arquivo Público do Governo Federal**, 2014. Disponível em: [https://issuu.com/fazendadf/docs/livreto\\_agtag](https://issuu.com/fazendadf/docs/livreto_agtag). Acesso em: 18 ago. 2023.

zadas. Encantados com o sonho de uma vida melhor na nova capital, foram arquitetando regiões de residências fixas para sobreviver no cerrado brasileiro. A Vila IAPI era uma delas.

Os termos “invasor” e “invasões” são então promovidos para colocar os ocupantes não quistos de Brasília na situação de ilegalidade, negando-os o direito de morar na cidade que construíam, num processo de exclusão territorial. Embora a ocupação de terrenos para obtenção de moradia seja frequentemente considerada condenável pelo capitalismo, a invasão é processo institucionalizado pelo mercado imobiliário e característica da urbanização brasileira.

O Estado, empenhado em manter Brasília “higienizada”, sem pobres, move os candangos para cidades afastadas do Plano Piloto e para a Vila IAPI, local que passou a abrigar moradores de diferentes invasões. Ela era localizada atrás do alojamento dos funcionários do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), por isso o nome, e do Hos-

pital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o primeiro da cidade.

O Instituto e o Hospital são, desde 1990, o Museu Vivo da Memória Candanga, que promove uma história romantizada sobre a construção da capital, bem como violência institucional por propagar uma concepção excludente. Ele próprio já foi cenário de ocupações irregulares, bem como ameaçado de demolição. Um marco patrimonial de Brasília, por ter sido o primeiro pedido de tombamento realizado por moradores e acatado pelos órgãos competentes (Barbosa, 2021).

A história de Ceilândia começa atrás de onde hoje é o Museu, localizado entre Guará, Candangolândia e Núcleo Bandeirante, algumas das primeiras ocupações operárias. O Complexo IAPI, composto pela Vila do IAPI e ocupações às margens, como Morro do Urubu, Morro do Querosene, Vila Tenório, Vila Bernardo Sayão, Vila Esperança, Curral das Éguas, Placa das Mercedes e outros pequenos aglomerados,

já foi considerado a maior favela do DF.

O Complexo IAPI é um espaço onde o Estado evidenciou seu autoritarismo e truculência para atender as exigências do mercado imobiliário e da pequena elite local (Oliveira, 2007). Além da proximidade com o Plano Piloto, que garantia oferta de trabalho, a Vila do IAPI contava com riqueza arbórea e hídrica que “oferecia boa qualidade de vida, por facilitar a higienização, alimentação, plantio de horta e pomar, pequena criação e fonte de renda complementar com a lavagem de roupa” (Oliveira, 2007, p. 10).

Em 1971, com a desculpa de proteger os recursos hídricos de Brasília, seu projeto urbanístico, “beleza” e Plano Diretor de Água, Esgoto e Controle da Poluição do Distrito Federal (PLANIDRO), acontece a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), que dá nome a nova cidade. 82 mil pessoas foram removidas do Complexo IAPI para Ceilândia, cerca de 30 km do Plano Piloto. As primeiras famílias chegaram em 27 de março, data de aniversário da cidade.

Ceilândia foi e é construída por pessoas de diferentes locais de nascimento, mas que são ceilandenses por crescerem, em diferentes sentidos, com a cultura e identidade dessa região cerratense. Identificam-se como tal por plantarem na cidade raízes que lhe conectam para o resto da vida e que não as impede de também serem de outros lugares. Ceilândia imprime em nós sua originalidade. Território que está invadindo o resto do Brasil e é invadido por ele.

Este trabalho apropria-se do título de “invasor”, atribuído aos que subverteram a lógica mercadológica de venda e ocupação de terras para, no sentido da palavra, promover intromissão afrontosa e provocadora, pôr-se no meio de caminhos e histórias. Propõe invasões urbanas de disseminação de ideias, (re) ocupação territorial e revisão de narrativas e do espaço da cidade.

Retoma a memória de uso dos espaços para mobilizar. Território, além de uma área ou lugar, tem a ver com poder e apropriação simbólica, que carrega

as marcas do que foi vivido. Grupos subalternizados estão sempre “(re)construindo suas territorialidades, ainda que relativamente ocultas, dentro desse movimento desigual de dominação e resistência” (Haesbaert, 2014, p. 44).

A invasão urbana aqui relatada é irmã da luta pela reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores [urbanos] Sem Teto (MTST) e retomadas indígenas e negras aos seus territórios ancestrais.



**A casa é sua.**

Imagem 2: Caminhões de mudança com destino a Ceilândia, em 1971.  
Frame do vídeo “História de Ceilândia Contada por Pioneiros”. Gu da  
Ceí, 2021. Disponível em <https://youtu.be/Pgz3ZMipKXw>.



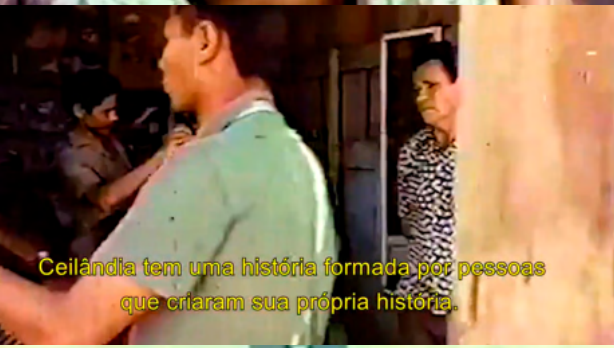
# Ceilândia, CEI, quer dizer Campanha de Erradicação das Invasões



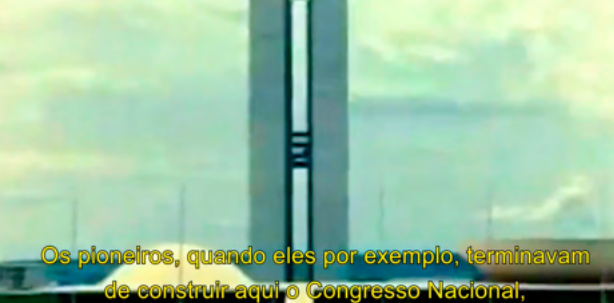
Ceilândia é uma construção como toda a Brasília é.



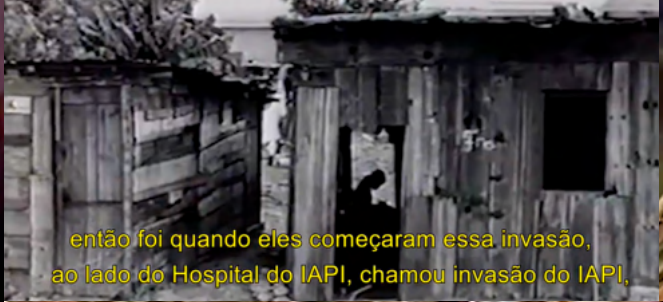
Quem pensa que Ceilândia é pobre é mais pobre do que Ceilândia.



Ceilândia tem uma história formada por pessoas que criaram sua própria história.



Os pioneiros, quando eles por exemplo, terminavam de construir aqui o Congresso Nacional,



então foi quando eles começaram essa invasão, ao lado do Hospital do IAPI, chamou invasão do IAPI,



Aproximadamente 80 mil favelados.

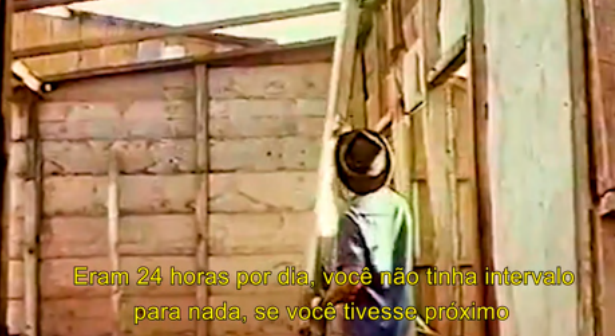


uma fila de 580 latas que até hoje não me esqueço.



Imagem 3: Frames do vídeo "História de Ceilândia Conta da por Pioneiros". Gu da Cei, 2021. Disponível em <https://youtu.be/PGZ3ZMipKXw>.

Dava o lote, aí você tinha que derrubar o mato...



Eram 24 horas por dia, você não tinha intervalo para nada, se você tivesse próximo



Ninguém saía de Ceilândia e chegava em Taguatinga limpo, chegava sujo.



Dizia-se que na época que isso aqui ia ser o grande favelão do Brasil,

Imagem 4: O Brasil é uma invasão.  
Invasão com laser na Caixa D'Água de  
Ceilândia-DF. Gu da Cei, 2021.  
Foto por Matheus Barros.



Imagem 5: Invasões e Terra dos incansáveis. Projeção a laser e colagem. Caixa D'Água de Ceilândia-DF. Gu da Cei, 2021.  
Foto por Matheus Barros.





Imagens 6 e 7: Aqui cabe uma praça. Placa em ACM em frente a Caixa D'Água de Ceilândia-DF. Gu da Cei, 2021.



# A VIDA DE CEILÂNDIA

Relatos de pioneiros de Ceilândia para o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal expõe que as famílias, ao chegarem na região, eram deixadas em um lote no meio do mato e tinham que fazer tudo sozinhas para que o espaço se tornasse habitável. Foram anos sem água, asfalto, saneamento e infraestrutura básica.

Segundo Ana Maria de Jesus (2002, p. 13), “eles botavam uma torneira, ficava assim no mato e era uma briga, [...] enfrentar uma fila de 580 latas, que até hoje não me esqueço, para gente conseguir pegar duas, três latas d’água com um carrinho”. A água já foi um dos produtos mais caros da cidade, tamanha escassez. “A questão da água me marcou muito essa dificuldade porque nesse tempo a gente tomava pouco banho às vezes, não tinha muita opção” (Mendes, 2002, p. 21).

A Caixa d’Água de Ceilândia, erguida no marco zero da cidade e com pleno funcionamento somente em 1977, seis anos depois das remoções, é um mo-

numento que representa a superação de grandes dificuldades hídricas. Um símbolo de resistência cercado por grades, para ser admirado com distanciamento. Patrimônio histórico e turístico sob responsabilidade da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb). Lá, cabe uma praça. Cabe um museu.

Iniciativas como a Casa da Memória Viva de Ceilândia<sup>2</sup> e Museu Virtual de Ceilândia<sup>3</sup>, ambas criadas por professores de História, surgem em oposição ao ocultamento do passado de Ceilândia nos relatos oficiais e museologia do Museu Vivo da Memória Candanga. Elas refletem, sob o ponto de vista dos reais fundadores da cidade, disputas políticas e conscientizam sobre as origens e lugar da juventude na disputa de narrativa.

---

2. MUSEU CASA DA MEMÓRIA VIVA DA CEILÂNDIA. **Facebook: museucasa-damemoriaviva**, s.d. Disponível em: <https://www.facebook.com/museucasadamemoriaviva/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

3. MUSEU VIRTUAL DE CEILÂNDIA. **Museu Virtual de Ceilândia**, ©2023. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeceilandia.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

No transporte, a precariedade sempre existiu. “Os ônibus velhos, os piores que tinham eram jogados para cá, ônibus velho furado e que entrava tufo de poeira, dentro, em todo mundo” (Mendes, 2002, p. 21). Há, inclusive, menção de realização a pé do percurso de ida e volta entre Ceilândia e Plano Piloto, tamanha dificuldade de mobilidade à época, algo que espelha a situação atual.

Ceilândia nasce estigmatizada: a cidade dos erradicados. Abandonar a convivência e estrutura comunitária que a Vila do IAPI proporcionava foi um processo violento e adotado em negação a simples urbanização da área. A transferência da população do Complexo IAPI para Ceilândia acarretou em uma drástica queda na qualidade de vida das pessoas, que influenciou nos índices de violência, alcoolismo, prostituição, tráfico e desesperança na nova cidade (Oliveira, 2007).

Após a urbanização de Ceilândia e a conclusão das habitações pelos moradores removidos, a Compa-



nhia Imobiliária de Brasília – Terracap quis regularizar as propriedades dos lotes ainda sem documentação fixa com o valor de mercado dos imóveis, mesmo sendo anunciado que a remoção custaria pouco aos removidos. Fato que gerou grande indignação e deu origem ao movimento dos “Incansáveis Moradores da Ceilândia”<sup>4</sup>, que saiu vitorioso diante de ação judicial. Os ceilandenses já reivindicavam o direito à moradia, antes mesmo dele ser considerado, em 2000, um direito social na Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Na década de 90, parte da antiga Vila do IAPI virou Setor de Mansões do IAPI/Setor Habitacional IAPI, QE 56 e QE 58, que hoje fazem parte do bairro Guará II. A classe média edificou os seus condomínios utilizando a terra como moeda de troca por

---

4. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Núcleo de Apoio à Preservação da Memória Institucional. **Processos Históricos:** Memorial TJDFT. Os incansáveis moradores da Ceilândia. Processo 9832/1980. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, s.d. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/gestao-do-conhecimento/centro-de-memoria-digital/documentos/processos-historicos/os-incansaveis-moradores-da-ceilandia>. Acesso em: 20 ago. 2023.

votos nas eleições parlamentares, lógica que ainda opera na atualidade. A fixação e legalização dos novos ocupantes se apropriou do discurso de direito histórico de ocupação local, já que houveram moradores resistentes à Campanha de Erradicação que retornaram à Vila do IAPI por não se adaptarem à Ceilândia (Oliveira, 2007).

As primeiras quadras do Setor de Mansões Park Way, bairro de classe média alta, também pertenciam à Vila do IAPI. A nova Quadra 56 do Guará II está localizada onde nasceu Ceilândia. Um lote vazio na região está custando, em média, R\$ 350 mil. “Localidade em franca expansão com inúmeras construções” e com “acesso estratégico ao Plano Piloto”, como alardeiam na OLX anúncios de lotes e de uma casa de R\$ 1.099.000.

Mas “memória não se remove”, como diz o lema do Museu das Remoções, que nasceu no Rio de Janeiro como parte da resistência contra a política urbana adotada no período anterior às Olimpíadas de 2016

e que tem como objetivo lutar contra as políticas de remoções, suas ações arbitrárias e consequentes apagamentos históricos. No DF, os novos ocupantes do território ceilandense (Vila IAPI) já reivindicam acesso alternativo ao Museu Vivo da Memória Candanga.

Com 350.347 habitantes (PDAD 2021), Ceilândia é a cidade mais populosa e importante centro econômico e cultural do DF. Concentra mais gente que todo o Plano Piloto de Brasília e que a capital do Tocantins. Cresceu tanto que deu origem a outras cidades, como o Pôr do Sol e Sol Nascente, que juntas já foram consideradas a maior favela da América Latina<sup>5</sup>. Tamanha grandeza levou à criação, em 2019, de uma região administrativa autônoma para elas, pois foi preciso desvincular-se burocraticamente para ter mais autonomia.

---

5. CORREIO BRAZILIENSE. Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha. **Correio Braziliense**, 2013. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna\\_cidadesdf.390588/menor-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf.390588/menor-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml). Acesso em: 21 ago. 2023.

Junto a população do Sol Nascente/Pôr do Sol (93.217), são mais de 443 mil pessoas em Ceilândia e região separadas apenas por algumas ruas e vias, mas unidas pela história. A falta de infraestrutura em algumas das “áreas filhas” da Ceilândia nos remete ao início da “mãe”. O avanço continua e nada impede a família crescer ainda mais.

A maior parte da população de Ceilândia desconhece a história da cidade e os novos habitantes de suas terras vizinhas ao Plano Piloto zelam para mantê-la oculta. Faz-se necessário revisitar essa memória e destacá-la por meio da arte. A sua preservação é essencial para construir um senso de pertencimento, compreensão e identidade coletiva forte e resiliente.

Arte política e pública que se posiciona contra narrativas estruturadas para manter o poder de quem sempre esteve sob posse das terras no DF. Da mesma forma, contraria instrumentos de segregação, como transporte, vigilância e negligência do direito de habitar a cidade como gostaríamos. Ela desafia a nor-


malidade opressora, redefinindo a paisagem cultural e social.

Distrito Federal > Distrito Federal e região > Terrenos, sítios e fazendas > Brasília

### TERRENO QE 56 GUARÁ II

Publicado em 16/11 às 12:28 - cód. 1019345694 - anúncio profissional

R\$ 377.000



RE/MAX JOTA IMOBILIÁRIA

(61) 3971... ver número  
Ver todos os anúncios

Seu nome

Seu E-mail

Seu telefone (opcional)


Imagem 8: Anúncio de venda de terreno. OLX, 22 de novembro de 2022.

Distrito Federal > Distrito Federal e região > Venda - casas e apartamentos > Brasília

### Venda de Casa/lote, na QE 52 do Guara II - DF, 128m<sup>2</sup> de área total

Publicado em 16/10 às 09:17 - cód. 1097479214 - anúncio profissional

R\$ 420.000



R\$ 420.000 [Simular financiamento](#)

Código do anúncio: 12CSNCS9

Lote bem posicionado, frente para o nascente, rua já asfaltada, vizinhança com lindas casas.  
Próximo da avenida central com fácil acesso ao comércio e transporte coletivo.  
Localização estratégica para acesso ao Plano Piloto.  
OBS: Imóvel desenrolado, adquirido direto da Novacap.  
Aceito carro.  
Terra Imobiliária:

Favoritar Compartilhar Denunciar

PRO

Terra Empreendimentos Imobiliários Ltda - ME

(61) 9844... ver número  
Ver todos os anúncios

Seu nome

Seu E-mail

Seu telefone (opcional)

Escreva sua mensagem aqui  
seu nome

Seu E-mail

Seu telefone (opcional)

Escreva sua mensagem aqui

Enviar mensagem

Seus dados serão compartilhados pela OLX com o anunciante. Saiba mais

bet365

Imagem 9: Anúncio de venda de lote. OLX, 22 de novembro de 2022.



Imagem 10: Reivindicação na QE 56 em 2022. Foto tirada pelo autor durante deriva pela região.

Imagem 11: “Procuo terreno urgente!”, faixa na QE 56 em 2 de novembro de 2022.





Imagens 12 e 13: “Vila do Iapi - Esse território pertence a Ceilândia”. Placa em ACM instalada em frente ao Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Ceí, 2021.

Imagem 14: “Este território pertence a Ceilândia”. Placa em ACM. Anexação de um lote de 800 m<sup>2</sup>, próximo à Prefeitura de Goiânia-GO, ao território de Ceilândia. Gu da Cei, 2022.





Imagem 15: Taylane Plácido. Vim para ficar. Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023.



Imagem 16: Cristyle, Larissa Brenda e Kliff Afrik. Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023.

# MORADIA, TRANSPORTE E VIGILÂNCIA

A interseção entre moradia, transporte e vigilância alimentam a complexa engrenagem da segregação e opressão que nos impedem de ocupar a cidade. Perpetuam injustiças, como foi a Campanha de Erradicação de Invasões, e minam a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

O acesso limitado ao transporte cria barreiras para o acesso a empregos, cultura e outros serviços essenciais. A distribuição desigual de recursos habitacionais e políticas de remoção inadequadas resultam em comunidades separadas por linhas econômicas. A vigilância, justificada por pretextos de segurança, restringe a liberdade e a mobilidade de corpos erradicados.

Brasília é um latifúndio do mercado imobiliário e uma de suas estratégias é expulsar não compradores de áreas centrais e até mesmo do DF. O filme “Invasores ou excluídos” (1989), de Cesar Mendes e Dulcídio Siqueira, documenta exemplos de periferização de corpos menosprezando o direito à moradia



e dignidade em Brasília. Em “A cidade é uma só?”, do ceilandense Adirley Queirós, vemos algumas das estratégias de invasão da mente de pioneiros de Ceilândia para que acreditassem que o processo de remoção era a melhor solução.

Ibaneis Rocha, governador de Brasília que ostenta a casa mais cara já vendida no DF, uma mansão de R\$ 24 milhões localizada no Lago Sul<sup>6</sup>, usou de força policial para despejar famílias da Ocupação CCBB em plena pandemia de Covid-19: 30 famílias de catadores de materiais recicláveis próximas a um dos maiores espaços dedicados às artes no DF<sup>7</sup>. Ao ocupar terras ilegalmente, pessoas ricas não são consideradas invasoras e suas influências políticas garantem menos consequências.

---

6. LUIZ, Gabriel. Ibaneis compra casa mais cara já vendida no DF; mansão de R\$ 23 milhões fica no Lago Sul. **G1 DF**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/02/28/ibaneis-compra-casa-mais-cara-ja-vendida-no-df-mansao-de-r-23-milhoes-fica-no-lago-sul.ghtml>. Acesso em: 24 jul. 2023.

7. BRASIL DE FATO. Família da ocupação CCBB são despejadas pela quarta vez na pandemia. **YouTube**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RS-zYdJOFOf4>. Acesso em: 23 jul. 2023.

O Noroeste, bairro que começou a ser construído em Brasília em 2009, vende-se como o “primeiro bairro ecológico do Brasil” e tem um dos metros quadrados mais caros do país, que chegou a custar R\$ 14.156 reais para apartamento de um quarto<sup>8</sup>. “Ecologia” que viabilizou, por meio de propina a parlamentares, a construção do empreendimento imobiliário na área da comunidade indígena do Santuário dos Pajés<sup>9</sup>.

A edificação de novas moradias nas áreas próximas do Plano Piloto de Brasília evidencia a lógica segregacionista que opera na cidade. Afastam os pobres e manejam o espaço urbano para atender aos desejos de quem pode manter a terra elitizada. À Companhia de Desenvolvimento Habitacional do

---

8. SECOVI. Secovis divulgam dados de imóveis em Brasília, Rio e São Paulo. **Secovi**, 2022. Disponível em: <https://secovidf.com.br/secovis-divulgam-dados-de-imoveis-em-brasilia-rio-e-sao-paulo/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

9. MAPA DE CONFLITOS, INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. DF – Indígenas lutam por permanência e reconhecimento de santuário e território tradicional. **Mapa de conflitos, injustiça ambiental e saúde no Brasil**, © 2023. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/df-indigenas-lutam-por-permanencia-e-reconhecimento-de-santuario-e-territorio-tradicional/#sintese>. Acesso em: 26 jul. 2023.

Distrito Federal (Codhab) resta iludir a população com sua missão de “prover habitação de qualidade, com cidadania”.

O Instituto dos Arquitetos do Brasil, em matéria para o Brasil de Fato (2023)<sup>10</sup>, evidencia que o número de domicílios vazios no DF seria capaz de absorver toda demanda habitacional. O Plano Piloto tem o maior número de imóveis desocupados e Ceilândia um dos maiores déficits habitacionais, falta de habitações em condições adequadas para moradia.

Yná Kabe Rodríguez (2023) sugere, na instalação “Uma Construção (ou faltam paredes na casa das pariceiras)”, que encontremos brechas na vigilância de grandes construções para saquear tijolos com o objetivo de edificar a nossa casa própria, onde talvez possamos ter um pouco de privacidade e liberdade.

---

10. INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - DF. Número de domicílios vazios seria capaz de absorver toda demanda habitacional no DF. Brasil de Fato, 2023. <https://www.brasildefatodf.com.br/2023/07/25/numero-de-domicilios-vazios-seria-capaz-de-absorver-toda-demanda-habitacional-no-df>. Acesso em: 7 ago. 2023.

Carregá-los, em performance, como bolsas, travesseiros ou até mesmo como saltos plataforma até territórios específicos.

Edificar não se limita apenas ao mundo físico, mas também abrange a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim como a edificação de uma casa exige esforço, planejamento e determinação, a busca por direitos e igualdade requer ações coletivas, pensamento criativo e vontade de desafiar as estruturas existentes onde antes não havia espaço para determinadas vozes ou demandas.

Os domicílios afastados dos centros promovem uma dependência dos ônibus, o que faz do transporte coletivo uma das principais ferramentas de segregação socioespacial e manutenção de desigualdades em um processo cíclico e contínuo. No DF, começou com os paus de arara, caminhões de transporte de passageiros que trouxe os trabalhadores do Nordeste e era utilizado nos percursos até os canteiros de obras. Há quem diga que um dos pioneiros de Brasília

lia é o pau de arara. Nome que já foi usado de forma pejorativa pelo ex-presidente Jair Bolsonaro ao se referir a nordestinos<sup>11</sup>.

Antes mesmo da inauguração de Brasília, entre 1956 e 1959, ao menos nove empresas de transporte de passageiros por ônibus operavam linhas entre o Plano Piloto e Núcleo Bandeirante, muitas fazendo a transição de transporte interestadual para transporte urbano (Vasconcelos, 2021). Começava aí a “mamata” dos empresários do transporte junto à administração pública local.

Em 1961, um ano após a inauguração de Brasília, os grupos familiares de empresários de ônibus, organizados em Associação, já reivindicavam o aumento das passagens e colocavam o Estado como desnecessário e um entrave à livre atuação empresarial (Vas-

---

11. ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro volta a chamar nordestinos de ‘pau de arara’: ‘Pô, é isso aí. **Isto É Dinheiro**, 2022. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-volta-a-chamar-nordestinos-de-pau-de-arara-po-e-isso-ai/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

concelos, 2021). Em 2022, foram repassados mais de R\$ 1 bilhão para empresas de ônibus do DF com a justificativa de assegurar o equilíbrio financeiro do sistema<sup>12</sup>. No entanto, nega-se transparência sobre os dados resultantes da operação do sistema de transporte para oportunizar o controle popular.

Desde 2015, o transporte é considerado um direito social da Constituição Federal brasileira (BRASIL, 1988), assim como moradia, educação, saúde, alimentação, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. Direito este que possibilita o acesso aos outros direitos para quem tem como únicas formas de mobilidade urbana andar a pé, bicicleta, ônibus ou metrô.

Ao contrário da educação e saúde, oferecidos gratui-

---

12. BRASIL DE FATO. Governo Ibaneis aprova mais de R\$ 1 bilhão em repasse para empresas de ônibus somente este ano. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatodf.com.br/2022/05/11/governo-ibaneis-aprova-mais-de-r-1-bilhao-em-repasse-para-empresas-de-onibus-somente-este-ano>. Acesso em: 02 ago. 2023.



Imagem 17: Instalação “Uma Construção (ou faltam paredes na casa das paríceiras)”, de Yná Kabe Rodríguez (2023), em exposição na A Pilastra, Guará-DF. Foto por Lucena de Lucena.

tamente pelo Estado, o transporte é um direito ainda não assegurado, que sai caro para a população nas mãos da iniciativa privada. Brasília, aqui sinônimo de DF, constou na lista dos dez piores sistemas de transporte público do mundo<sup>13</sup>, levando em consideração o tempo de viagem, espera para pegar a condução, distância total e custo mensal relacionado ao salário médio da população.

As empresas, por omissão do Estado, sempre foram detentoras do capital operacional do transporte no DF, constituído pela gestão e dados de receita, operação, linhas, itinerários e frota, que permanece sob o poder dos empresários dos ônibus (Vasconcelos, 2021). Até mesmo a informação sobre os ônibus da região terem GPS, o que facilitaria a fiscalização do cumprimento de horário e trajetos, é negada pela Secretaria de Mobilidade e Transporte do DF

---

13. G1 DF. Brasília está entre os 10 piores sistemas de transporte público do mundo, diz estudo. **G1 DF**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/brasil-esta-entre-os-10-piores-sistemas-de-transporte-publico-do-mundo-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2022.

(Semob/DF), mesmo após decisão da Controladoria-Geral<sup>14</sup> e nada é feito.

Realizada em 2011, a primeira e única licitação do DF para concessão de linhas de ônibus urbanos foi considerada fraudulenta pela CPI do Transporte Coletivo do DF, criada em 2015. O relatório final da CPI<sup>15</sup> expõe ações de agentes públicos e privados para favorecimento indevido e usurpação de recursos públicos. O Tribunal de Contas do DF, ao determinar que a Semob-DF realize nova licitação e não renove os contratos atuais<sup>16</sup>, recebe do órgão a res-

---

14. CHIA, Rodrigo. **Então, basicamente, permanecem as perguntas iniciais, que repito para o caso de alguém saber as respostas:** [...]. 11 maio 2022. Twitter: @rodrigokchia. Disponível em: <https://twitter.com/rodrigokchia/status/1524397940197969921>. Acesso em: 02 ago. 2023.

15. CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL. **CPI do Transporte Público do DF. Relatório final**. Brasília: Câmara Legislativa do Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/documents/5744614/14482874/01+-+Relat%C3%B3rio+Final+do+Relator+Deputado+Raimundo+Ribeiro.pdf/99c18522-b8f6-4f1e-b880-584438aaef0?t=1462291800000&download=true>. Acesso em: 01 ago. 2023.

16. FEITOZA, Valéria. TCDF determina a realização de nova licitação para concessão de linhas de ônibus urbanas. Tribunal de Contas do Distrito Federal, 2022. Disponível em: <https://www2.tc.df.gov.br/tcdf-determina-a-realizacao-de-nova-licitacao-para-concessao-de-linhas-de-onibus-urbanas/>. Acesso em: 04 ago. 2022.

posta de que seria mais vantajoso renovar os terríveis contratos atuais do que realizar nova concessão.

A convivência estatal na continuidade do transporte coletivo como máquina de humilhação e dinheiro é histórica. Constantino de Oliveira e Wagner Canhedo de Azevedo são alguns dos nomes que usurparam os ônibus no DF.

Constantino de Oliveira, conhecido como Nenê Constantino, é um dos maiores empresários de ônibus da América Latina. O dinheiro usurpado por suas empresas com as tarifas de ônibus por todo o Brasil bancou a criação da Gol, uma das principais companhias aéreas do país. A fortuna da família foi avaliada pela Forbes em mais de cinco bilhões de dólares<sup>17</sup>.

Constantino já foi acusado de manter trabalhadores

---

17. RANGEL, Rodrigo. O empresário e o crime da garagem. *Época*, 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT19382-15223,00.html>. Acesso em: 04 ago. 2023.

em condições análogas à escravidão e encomendar o assassinato de dois homens que moravam com 60 famílias no terreno de uma antiga garagem de uma de suas empresas de ônibus em Taguatinga-DF. Sua relação com o ex-governador do DF, Joaquim Roriz, revelou a transação de um cheque de R\$ 2,2 milhões assinado por Constantino.

Roriz foi governador do DF por quatro mandatos, entre 1988 e 2006. Trabalhou anos mantendo o lucro das empresas de ônibus com tarifas caras, incentivos, isenções legais e uma população degradada pelo transporte precário. Permitiu que as famílias Amaral, Canhedo e Constantino mantivessem o domínio sobre cerca de 80% das concessões sem licitação, contrariando recomendações do Ministério Público e decisão judicial<sup>18</sup>.

A TCB, empresa pública do DF que poderia garan-

---

18. BRAGON, Ranier. Roriz favoreceu empresas de transporte de Constantino. *Folha de São Paulo*, 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1507200702.htm>. Acesso em: 06 ago. 2023.

tir um transporte público de verdade, vem sofrendo ataques e desmontes desde a sua criação, em 1961. O empresariado foi apoiado por governos da ditadura militar brasileira, que impediram a operação da TCB fora do Plano Piloto, e beneficiado por Roriz, ao indicar seu genro como presidente da empresa e ele reduzir a frota da companhia de mais de 300 veículos para apenas 44, em 2002 (Vasconcelos, 2021).

As instituições governamentais estão corrompidas e as decisões políticas só favorecem os empresários do transporte. Liberalismo de “um Estado sob a vigilância do mercado em vez de um mercado sob a vigilância do Estado” (Foucault, 2008, p. 159). O Estado, por sua vez, concentra esforços para vigiar e manter a população sob suas rédeas de interesse capitalista. A arte vem para provocar.

Se o automóvel individual é um meio de comunicação (Virilio, 1993), o ônibus também o é, e ainda mais complexo, pois promove conexões e o encontro corpo a corpo entre pessoas desconhecidas, motoris-



Imagem 18: Caminhão de operários próximo do Congresso Nacional, em 1959. Foto por Mário Fontenelle/Arquivo Público do DF.



Imagem 19: “Brasília, Cidade Esperança”, colagem digital de Adriane Dzúkayá Kariú, 2021.

tas, cobradores, vendedores ambulantes, paisagens, baratas e goteiras. Nos ônibus, a troca de informações entre as performatividades do estar em público se dá, muitas vezes, através de contato interpessoal desconfiado e distante. Agimos conforme a norma e sem a intimidade dos carros particulares.

Carros esses que são uma quase-vestimenta, prótese que expande o corpo, fortalece a ideia de liberdade do movimento e responde às demandas de status e narcisismo (Santos, 2003). Velocidade que reforça o individualismo e desinteresse por uma mobilidade urbana sustentável. Brasília foi construída para pessoas com carros e, enquanto poucas se sentem encorajadas a vivenciar a humilhação de transitar de ônibus e metrô, outras sequer tem escolha.

Cidades como Caucaia (CE), Maricá (RJ) e Vargem Grande Paulista (SP) são exemplos de localidades que adotaram a tarifa zero no transporte coletivo. Em contraste, catracas duplas, uma em cima da outra, já foram instaladas em ônibus de Aracaju (SE),

Belo Horizonte (MG) e Fortaleza (CE) para evitar o ato revolucionário de pular a catraca na busca pela garantia do direito de ir e vir.

A segunda catraca vem sendo substituída pela tecnologia, que está tomando a posição da própria catraca na função de embarrear trânsitos, justificar aumentos tarifários e garantir o lucro dos empresários do transporte.

Os paus de arara transformaram-se nos ônibus do DF, como retratado na obra de “Brasília, Cidade Esperança” de Adriane Dzúkayá Kariú (2021), destinados ao transporte dos trabalhadores aos seus postos de trabalho. Um vai e vem precarizado, mas empenhado na defesa da cidade baseada na insegurança e exploração trabalhista.

Ônibus são lugares de contato com a paisagem urbana, mirantes dotados de afetividades e com ritmo próprio. Lugares em movimento onde mergulhamos e nos debruçamos com nossa condição psicossocial.





Imagens 20 e 21: Inflável “Pula vai”, que tem o formato de uma catraca dupla e incentiva as pessoas a pularem em cima desse símbolo de opressão. 8m x 3,40m x 46cm.

Gu da Cei, 2022.

Foto por Fábio Setti.



Para Relph (2012, p. 30), “lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”.

Desde criança somos moldados para responder às expectativas atreladas ao poder disciplinar e, conseqüentemente, à padronização. “Todo o movimento na urbe, por mais agitado que seja, não produzirá nada mais do que mero espetáculo de um movimento que, antes de mais nada, deve ser um movimento cego ao que o leva a mover-se” (Lepecki, 2011, p. 54).

A pandemia de Covid-19, ao determinar o isolamento social, fez nossas casas de gaiolas e escancarou o privilégio de quem não precisa utilizar o transporte coletivo lotado. Distanciamento mínimo de 1,5m nunca existiu nos ônibus ou vagões de metrô. Aos olhos e fortunas do Estado e burguesia, a submissão via mobilidade urbana deveria continuar rotineira para as trabalhadoras e trabalhadores do Brasil.

De 2018 para 2019, houve um aumento de 42% no



Imagem 22: Fotoperformance “Passa em Sobradisney?”. Gu da Cei, 2019.

número de assaltos em ônibus<sup>19</sup>. Em 2022, o aumento foi de 35% de janeiro a maio em comparação com o mesmo período do ano anterior<sup>20</sup>. Em Ceilândia e Sol Nascente, o aumento de roubos nos ônibus foi ainda mais expressivo: 110% até junho de 2022. Eu mesmo já fui vítima de roubo no transporte coletivo e, ao solicitar as imagens das câmeras internas, me foi informado que elas inexistiam.

Vende-se a vigilância como sinônimo de segurança. Para vender segurança, faz-se necessário vender medo. A saída é em direção às câmeras e softwares de uma evolução tecnológica que representa uma mutação do capitalismo (Deleuze, 2000), que nada facilita a vida da população ou avança na garantia de direitos. Capitalismo de vigilância (Zuboff, 2018),

---

19. OLIVEIRA, Geovana; GALVÃO, Walder. Assaltos em ônibus crescem 42% em setembro em relação ao ano passado. *Correio Braziliense*, 2019. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/10/25/interna\\_cidadesdf,800743/assaltos-em-onibus-crescem-42-em-setembro-em-relacao-ao-ano-passado.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/10/25/interna_cidadesdf,800743/assaltos-em-onibus-crescem-42-em-setembro-em-relacao-ao-ano-passado.shtml). Acesso em: 07 ago. 2023.

20. BOM DIA DE. Assaltos em ônibus e furto a pedestre aumentaram em 2022 - 14/06/2022. *Globoplay*, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10666753/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

que utiliza nossos dados para enriquecer poucos e moldar o comportamento humano.

Em sua linha do tempo sobre racismo algorítmico, Tarcízio Silva (2019) lista vários casos em que plataformas digitais, mídias sociais, aplicativos e inteligência artificial reproduziram o racismo de nossa sociedade. Google Photos identificando pessoas negras como “gorilas”, Twitter privilegiando rostos brancos nos cortes de imagens, câmeras Nikon que não entendem rostos asiáticos e a restrição da visibilidade de conteúdos de ativismo político antirracista no YouTube são alguns deles.

Buolamwini e Gebru (2018) apuraram que há discriminação com viés de raça e gênero em algoritmos de análise facial automatizada de empresas como Microsoft, IBM e Face++. As pesquisadoras chegaram à conclusão de que as tecnologias utilizadas por essas organizações funcionam melhor em rostos masculinos e peles brancas. A taxa de erro em rostos

de mulheres negras pode chegar a 34.7%.

O Metrô-DF instalou 55 câmeras de reconhecimento facial e monitoramento térmico por R\$ 1,9 milhão em 2021 durante a pandemia para “garantir a segurança dos usuários e dos empregados”<sup>21</sup>. Em São Paulo, uma ação civil pública levou a Justiça a impedir reconhecimento facial no metrô da cidade pela “potencialidade de se atingir direitos fundamentais dos cidadãos”<sup>22</sup>.

Um pedreiro de 52 anos foi preso no Piauí pela Polícia Civil do DF às 5h da manhã em sua residência após um programa de reconhecimento facial acusá-lo erroneamente de falsificar documento para conseguir cartão de crédito de uma loja. “Todo

---

21. GENTIL, Cristine. Câmeras de monitoramento térmico já estão funcionando no Metrô-DF. Metrô-DF, 2020. Disponível em: <https://metro.df.gov.br/?p=46160>. Acesso em: 24 abr. 2022.

22. FERNANDES, Danielly. Justiça impede sistema de reconhecimento facial do Metrô de SP. Jota, 2022. Acesso em: Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/protecao-de-dados/reconhecimento-facial-metro-de-sp-23032022>. Acesso em: 24 abr. 2022.

mundo se assustou, levantando, correndo. Até que a minha esposa conseguiu abrir a porta e eles já foram entrando, mandando todo mundo sentar, todos com arma na mão. A minha família ficou traumatizada”, afirma José Domingos Leitão em entrevista para o portal R7<sup>23</sup>.

Até mesmo o ator estadunidense Michael B. Jordan constava na lista de procurados pela Polícia Civil do Ceará<sup>24</sup>. A veiculação de notícias de prisões realizadas com o uso de reconhecimento facial é recorrente para publicizar a ideia de eficácia, mas nos é ocultado a quantidade de falsos-positivos emitidos pelos sistemas das Secretarias de Segurança Pública, que tem o corpo negro como alvo principal.

---

23. BOMFIM, Fabiano; RIOS, Alan. ‘Disseram que eu era traficante’, diz pedreiro preso injustamente. R7 Brasília, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/disseram-que-eu-era-traficante-diz-pedreiro-presoinjustamente-16122021>. Acesso em: 24 abr. 2022.

24. G1 CE. Foto de astro do cinema Michael B. Jordan aparece em lista de procurados pela polícia do Ceará. G1 CE, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/01/07/astro-do-cinema-michael-b-jordan-aparece-em-lista-de-procurados-pela-policia-do-ceara.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

São vários os reflexos da hegemonia branca e masculina na tecnologia e outros espaços de poder que traçam caminhos que impactam a vida de toda sociedade. Mecanismos, assim como as remoções habitacionais, nos são impostos para “facilitar” e “proteger a vida” sem qualquer consideração sobre seus efeitos negativos. Quem não deve deveria temer e defender a sua soberania, privacidade e presunção de inocência.

Somos todos igualmente vítimas e suspeitos potenciais, assim como a consciência da vigilância representa simultaneamente segurança e ameaça (Bruno, 2008). Para Sibilía (2010), performar é fazer alguma coisa, ser ou parecer alguém, com a certeza de estar sendo observado. A consciência de uma observação constante estaria produzindo uma performance paranoica ou sem espaço para expressão da individualidade?

O que você faria na rua ou no ônibus se ninguém estivesse olhando? Somos monitorados ao usar o celular, ao transitarmos pela cidade, em nossas casas e eletrodomésticos conectados à internet, ao tentar-

mos utilizar algum serviço público, no supermercado, etc. Introjamos a vigilância e acabamos por alimentar o sistema com autovigilância e cobrança para que o outro também se adeque ao que está sendo colocado como padrão.

Na sociedade do controle (Deleuze, 2000), vivemos sob domínio constante para gerar dados que serão usados contra nós. “Ver o que não era visível renova o exotismo das conquistas territoriais do passado” (Virilio, 1993, p. 66) e os dispositivos de observação são cada vez mais camuflados e naturalizados. Vivemos sob o colonialismo de dados, onde as tecnologias tornam as nossas vivências extraíveis, exploráveis e convertidas, a fim de gerar lucros para companhias transnacionais (Ferreira, 2021).

Neoliberalismo e governo de mãos dadas para sugar tudo o que você tem a oferecer para produzir riquezas, autoritarismo, opressão e controle social para manutenção de poder. Colonialismo que invade nossas terras e privacidade, afetando reputação,

segurança e bem-estar sem considerar interesses ou direitos coletivos.

Empresas, em sua maioria estrangeiras, se apropriam de dados pessoais ao oferecerem entretenimento via mídias sociais ou informações de trânsito, como indicação de melhores trajetos, horário e paradas de ônibus e alertas de fiscalização eletrônica viabilizados por GPS de celulares e outros dispositivos móveis.

Waze e Moovit são alguns dos casos que trabalham para vender a mobilidade como serviço. As duas nasceram em Israel. A Waze foi comprada pelo Google, que também dispõe do Google Maps, por US\$ 1,3 bilhão em 2013<sup>25</sup>. Fato que ilustra o imenso poder e influência das gigantes da tecnologia, que moldam a forma como as pessoas interagem com a tecnologia e entre si.

---

25. G1. Google confirma a compra da Waze. **G1**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/google-confirma-compra-da-waze.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

Também em 2013, a Waze firmou parceria com o Centro de Operações da Prefeitura do Rio (COR)<sup>26</sup>, que integra cerca de 30 órgãos do governo para “monitorar a operação da cidade e minimizar seus impactos na rotina do cidadão”. O COR tem acesso a 2.500 câmeras, diversos sensores espalhados pelo município e softwares que podem ser visualizados no telão de 104 metros quadrados em uma sala de controle.

O Centro Integrado de Operações de Brasília (CIOB), em 2018, tinha acesso a 70 câmeras de videomonitoramento fixas e móveis instaladas no DF<sup>27</sup>. O número subiu para 450 em 2019. No ano seguinte, 2020, 581 câmeras. Em 2021, já eram 959<sup>28</sup>. Den-

---

26. CENTRO DE OPERAÇÕES RIO. Institucional. **Prefeitura do Rio de Janeiro**, © 2022. Disponível em: <http://cor.rio/institucional/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

27. AGÊNCIA BRASÍLIA. Ceilândia agora tem um parque de videomonitoramento. **Agência Brasília**, 2020. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/01/23/ceilandia-agora-tem-um-parque-de-videomonitoramento/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

28. AGÊNCIA BRASÍLIA. Inaugurada Central de Monitoramento Remoto na Estrutural. **Agência Brasília**, 2021. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/12/02/inaugurada-central-de-monitoramento-remoto-na-estrutural/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

tre elas, dezenas capazes de realizar movimentações laterais, giros de 360 graus e zoom de aproximação de dois quilômetros.

É nesse contexto desafiador que a arte emerge. Busca-se conhecer mais intimamente o exercício da vigilância e compreender a presença e ausência de corpos vigilantes. Artistas em todo o mundo estão abordando a vigilância como tema principal de suas experimentações. Brighenti (2010) denomina tais práticas artísticas de *Surveillance art* ou *Artveillance*.

Em Berlim, na Alemanha, Simon Weckert enganou o Google Maps com um engarrafamento falso, criado por ele puxando um carrinho com 99 aparelhos celulares<sup>29</sup> para questionar o impacto dos algoritmos em nossas vidas. A ação demonstra como as tecnologias podem ser manipuladas e ressalta a necessidade de transparência e regulamentação para que possa-

---

29. WECKERT, Simon. Google Maps Hacks by Simon Weckert. YouTube, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/k5eL\\_al\\_m7Q](https://youtu.be/k5eL_al_m7Q). Acesso em: 1 maio 2022.

mos tomar decisões mais conscientes.

Lidamos com as contradições de reivindicar privacidade expondo ainda mais nossas imagens em um regime onde a visibilidade opera o controle. A fuga acaba por ser uma estratégia por muitos considerada, “uma forma de vida e de resistência que, longe do frente-à-frente espetacular da revolta heroica, opera na sombra de uma retirada, uma dissolução contínua de si” (Bona, 2020, p. 48).

A expressão artística tem o poder de dismantelar os limites colocados pela vigilância, transporte, moradia, afastamentos geográficos e ideias estabelecidas. Pula barreiras com criatividade e resiliência e acredita no poder de cada obra. Atravessa e habita fronteiras. Conversa com o que a vê e convida para a reflexão. Nos desafia a reinterpretar a realidade que nos cerca.

No DF, desde 2018, tornou-se obrigatória a instalação de câmeras de reconhecimento facial nas catracas de todos os ônibus<sup>30</sup> com a justificativa de coibir fraudes nas gratuidades para estudantes, idosos e pessoas com deficiência. Gratuidade esta que não deveria ser restrita. Os valores dos contratos não foram divulgados com a desculpa de “sigilo comercial”, pois os ônibus são operados por empresas privadas que ficaram a cargo da implementação.

Inspirado na figura do fiscal secreto, pessoa contratada pelos empresários que se passava por um passageiro comum para vigiar cobradores e motoristas (Vasconcelos, 2021), planilhei 39 viagens minhas pelos ônibus do DF de 20/07/2022 a 14/09/2022 registrando linhas dos ônibus, datas, horários de embarque, presença de câmera de reconhecimento facial na catraca e disponibilidade de localização em

---

30. AGÊNCIA BRASÍLIA. Biometria facial é obrigatória em 100% dos ônibus do DF. Secretaria de Transporte e Mobilidade (SEMOB), 2018. Disponível em: <https://www.semob.df.gov.br/biometria-facial-e-obrigatoria-em-100-dos-onibus-do-df/>. Acesso em: 24 abr. 2022.



tempo real nos aplicativos Moovit e DF no Ponto. Ser um fiscal secreto como método para vigiar quem está vigiando. Resistir a partir de um processo ativo de inspeção, reivindicação e vivência. Compreender como as ações de controle se desenrolam sobre nossos corpos na cidade, nos apropriando do poder de observação e análise crítica. Reivindicar nosso direito à cidade, memória, privacidade e autonomia.

Solicitei para a Semob-DF, via Lei de Acesso à Informação, as imagens de reconhecimento facial capturadas durante as 39 viagens. Recebi apenas duas sequências de imagens: uma de 17/11/2018 e outra do dia 27/07/2022, única correspondente à lista enviada. A resposta dada pelo órgão foi a seguinte:

Prezado Gustavo,  
Em resposta ao seu pedido de informação, temos a informar que a informação solicitada é inexistente, pois as imagens capturadas pelo Sistema de Biometria Facial achadas compatíveis com as imagens registradas no cadastro do Passe Livre Estudantil – PLE são descartadas na medida do preenchimento da capacidade de armazenamento do Sistema, dado o grande volume de informações processadas.

Esclarecemos, ainda, que o Sistema de Biometria Facial armazena, temporariamente, as imagens incompatíveis com o cadastro, a fim de que sejam submetidas ao Procedimento de Verificação de Compatibilidade Biométrica, conforme descrito no art. 4º, da Portaria SEMOB n. 15/2018.

Executado o procedimento de Verificação de Compatibilidade Biométrica, a empresa concessionária emitirá Laudos relativos à inspeção visual das imagens incompatíveis com o cadastro e os remeterá à Secretaria de Estado de Transporte e Mobilidade – SEMOB, para abertura de processo administrativo, suspensão cautelar do benefício, notificação ao usuário para apresentar defesa, etc.

Finalizado o processo administrativo com a conclusão do uso indevido, o benefício será bloqueado até o encerramento do semestre letivo. Caso a defesa apresentada seja acatada, o benefício será reestabelecido em até 72 horas.

Exposto isto, ressaltamos que, no Sistema PRODATA, no entanto, só conseguimos identificar duas imagens uma do dia 17/11/2018 e a outra do dia 27/07/2022, (sendo que apenas a última citada consta na Tabela (95835449) solicitada pelo cidadão), conforme documento anexo.

Atenciosamente,  
Equipe do Serviço de Informação ao  
Cidadão – SIC/SEMOB

Se as imagens são descartadas, por que ainda existem registros relacionados a minha imagem que remete a 2018, quatro anos antes do período solicitado? Verificamos que a resposta dada não corresponde à realidade e que nem todas as câmeras funcionam como deveriam. Um reforço a ideia de panóptico, quando nunca se sabe quando os olhos repressores estão de fato lhe observando.

Na pesquisa “o rosto da insatisfação contra vigilante” (Santos, 2018) já era possível constatar que qualquer pessoa que utiliza o ônibus como meio de transporte tem a sua imagem capturada, falhas no respeito à integridade do fornecimento das informações solicitadas, desconhecimento sobre o tratamento dos dados e que nem todas as câmeras funcionam como o anunciado. Fui a primeira pessoa no Brasil a solicitar para fins não policiais tais imagens decorrentes dos sistemas de biometria facial dos ônibus<sup>31</sup>.

31. CARVALHO, LETÍCIA. Artista cria performance com imagens da biometria facial de ônibus do DF. G1 DF, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/07/19/artista-cria-performace-com-imagens-da-biometria-facial-de-onibus-do-df.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2022.

No levantamento realizado nos trânsitos entre 20/07/2022 a 14/09/2022, foi possível aferir que em apenas 22 das 39 viagens realizadas havia GPS ativos para acompanhar em tempo real a chegada e percurso dos ônibus. Buscando entender mais sobre como se dão os processos de vigilância, também espionei meus caminhos pela cidade através do uso de óculos com câmera escondida. Me deparei com imagens que levam a revisão do que não foi visto e fazem do olho uma arma ainda mais poderosa. Derivas, sequência de olhares diários e reconhecimento facial no vídeo “Sorria que eu estou te filmando” (2021)<sup>32</sup>.

É urgente resistir, neutralizar e encontrar caminhos que conscientizem e engajem mudanças onde a privacidade seja priorizada na concepção de qualquer dispositivo ou ação em nossa sociedade. Hackear mídias e espaços extremamente vigiados para informar e opor-se ao sistema.

---

32. GU DA CEI. Gu da Ceí • Sorria que eu estou te filmando. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ep6pycopDOU>. Acesso em: 1 maio 2022.

VIGIA  
VIGIA  
VIGIA  
VIGIA

Imagem 23: Captura de tela enviada pela Semob-DF em resposta à solicitação do autor, 2022.

<p>id: 26460524 / Nome: GUSTAVO AZEVEDO DA SILVA SANTOS                  Empresa: AUTO VIAÇÃO MARECHAL LTDA                  Linha: 0.305 / Veículo: 441589                  Aplicação: Casco                  Cartão: 01.01.03158991- TSN: 910                  Escola do Usuário: UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA                  Data: 17/11/2018                  FileName: 441589_20181117133506_000003158991_00910.bin                  Match: CONFORME / Auditoria: CONFORME   Auditar                  Histórico</p>	
<p>id: 26460783 / Nome: GUSTAVO AZEVEDO DA SILVA SANTOS                  Empresa: AUTO VIAÇÃO MARECHAL LTDA                  Linha: 0.305 / Veículo: 441589                  Aplicação: Casco                  Cartão: 01.01.03158991- TSN: 911                  Escola do Usuário: UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA                  Data: 17/11/2018                  FileName: 441589_20181117211239_000003158991_00911.bin                  Match: CONFORME / Auditoria: NÃO CONFORME                  OFÍCIO                  Auditar                  Histórico</p>	
<p>id: 76152312 / Nome: GUSTAVO AZEVEDO DA SILVA SANTOS                  Empresa: CONSÓRCIO HP - ITA                  Linha: 870.1 / Veículo: 332411                  Aplicação: Passe-Livre Met                  Cartão: 01.01.04854837- TSN: 8                  Escola do Usuário: UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA                  Data: 27/07/2022                  FileName: 332411_20220727162642_000004854837_00008.bin                  Match: NÃO CONFORME / Auditoria: CONFORME   Auditar                  Histórico</p>	

Imagem não encontrada      Imagem não encontrada      Imagem não encontrada      Imagem não encontrada      **Imagem não encontrada**





Imagem 24: Fotografias do autor tiradas por câmeras de reconhecimento facial nos ônibus do DF, 2018.

**Ceilândia**

**atenta e  
vigilante.**

Imagem 25: Escultura "Sonho de Morar". Gu da Cei, 2023.  
Foto por Taís Castro.





Imagem 26: Parte da escultura “Sonho de Morar”. Gu da Cei, 2023.

CELÂNDIA  
NASCEU  
AQUI



# INVASÕES URBANAS

E por que não criar invasões urbanas em referência a história de Ceilândia? Demarcar geograficamente a região onde tudo começou. Apontar para o direito à moradia, à cidade, memória, políticas públicas de exclusão e sonho da casa própria. Ocupar áreas de interesse privado para evidenciar desejos coletivos. Plantar novas raízes nos locais de erradicação da vida não quista em Brasília.

Intervenção urbana que se assume enquanto invasão por reconhecer que está adentrando espaços onde o pensamento contra-hegemônico não é bem-vindo. Ao contrário da composição urbana (Albuquerque e Medeiros, 2017), quer interferir. Direito à invasão. Entrar no meio de narrativas e áreas de controle. Invadir a história, mentes e opinião pública. Transportar-se conduzindo o passado a um outro futuro.

Para avançar é preciso invadir, mobilizar-se, estar em trânsito. Ceilândia em movimento por suas atuais e antigas terras exercendo um “jeitinho territorial”, essa capacidade de “encontrar desvios ou transitar entre

múltiplos territórios, ou melhor, ‘transterritorializar-se’ no sentido não apenas de trânsito, mas também de transgressão dos domínios e das regras territorialmente posicionadas” (Haesbaert, 2014, p. 296).

As invasões urbanas aqui elencadas são ocupações que se utilizam de sinalizações de trânsito, escultura, performance, vídeo, projeções, fotografia, lambe-lambes e outras linguagens para dar forma às suas ideias. Uma crítica à ordem imposta no ambiente urbano e que transforma locais comuns em cenários de reflexão e contemplação. Um lembrete de que estamos vigiando o curso da narrativa e as estratégias de segregação alimentadas pela precariedade na mobilidade urbana e vigilância massiva.

Instaladas em frente ao Museu Vivo da Memória Candanga ou em terreno baldio em Goiânia, as placas confrontam as narrativas oficiais e anexam territórios à Ceilândia. Provocam um estranhamento que revitaliza o cenário urbano com diálogos que transcendem geografias, ainda mais quando re-

percutem na internet a partir de questionamentos de transeuntes<sup>33</sup>.

A invasão urbana é uma contradição, uma contra-invasão. Invade o que invade. É invasão por inserir-se em espaços de interesses privados, mas deixa de ser ao incluir-se em espaços públicos, onde a população tem legitimidade para renová-los. Hasteia suas bandeiras. Apresenta debates sobre políticas públicas, participação social, planejamento urbano e a importância de espaço de memória coletiva na vida das comunidades.

Ela não apenas atualiza os espaços urbanos com sua arte, mas também injeta uma energia renovadora de pertencimento e comunidade. Transcende a mera ocupação de lugares e transforma-se em um diálogo entre o público e o privado, o estático e o efêmero, o poder institucional e a expressão individual. Resistência criativa que questiona quem realmente de-

---

33. ARA, Pedro. Placa chama atenção de quem passa perto da Prefeitura de Goiânia. Portal 6, 2023. Disponível em: <https://portal6.com.br/2023/06/02/placa-chama-atencao-de-quem-passa-perto-da-prefeitura-de-goiania/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

tém o poder sobre o território urbano.

Em Campinas-SP, por exemplo, o artista Otávio Abdalla (2021) pula muros e invade o Centro de Convivência Cultural, importante espaço artístico que foi abandonado por anos. Ele ergue, balança e fixa uma bandeira feita com embalagens plásticas de alimentos para denunciar a falta de cuidado com o equipamento urbano, ao mesmo tempo que reivindica a sua posse comunitária.

O laser, utilizado em algumas de minhas invasões, faz referência aos lasers usados em protestos no Chile e em Hong Kong, onde manifestantes apontam as luzes para câmeras de reconhecimento facial que tinham o objetivo de criminalizar quem estava na rua reivindicando direitos. Uma arma contra a vigilância que propicia inscrições subversivas e territoriais.

Em especial, em 25 de março de 2023, dois dias antes do 52º aniversário de Ceilândia, foi instalada uma escultura de ferro com cerca de 3 metros de altura

e 2,5 metros de largura pintada com tinta automotiva cor vermelho perolizado atrás do Museu Vivo da Memória Candanga, onde nasceu Ceilândia. Nela, podemos ver uma mãe carregando sua casa na cabeça, acompanhada de seu filho.

Uma alusão às mães solo, às milhares de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento, à mudança, à migração, ao barro, à remoção, à força e determinação de construir o sonho de habitar. Instalada atrás do Museu olhando, ao mesmo tempo, na direção das mansões que se levantam e para as costas dessa instituição museal de “memória” que não cita que a cidade mais populosa do DF nasceu em volta de suas edificações. Um contraponto de guarda e lembrança.

Em uma das visitas prévias à área onde fica a escultura conheci Ivone, que mora logo à frente. Ela chegou enérgica e rigorosa para saber do que se trata e fala das reivindicações para o local. Expliquei que se refere a um projeto artístico. Na rua, homem e filho

prestavam serviços de medição, ambos moradores de Ceilândia que não sabiam que a cidade começou onde estavam, afirmaram que tudo aquilo viraria lotes residenciais. ‘

Ivone indignou-se e compartilhou seu aborrecimento com pessoas que, constantemente, tentam tirar vantagem e se apropriar indevidamente das terras, como as responsáveis pela CEI. Rebatemos alegando que é uma área pública. Suas palavras carregam uma mistura de frustração e determinação. Estar ali, no meio dessas disputas, engaja uma luta pelo respeito aos espaços coletivos e à preservação do espírito comunitário.

Ceilândia é a “mais forte representação da força da gente sem moradia” (Saraiva; Hamaral; Costa, 2023, p. 29). Ergue-se com vigor. A mãe fez o caminho contrário ao da remoção. Saiu de Ceilândia e voltou para onde ficava a Vila do IAPI. A frase “Ceilândia nasceu aqui”, na placa junto a escultura, enfatiza aos transeuntes que aquele local é marcado pela presença histórica de milhares de sonhadores.

A instalação da escultura repercutiu na imprensa em veículos como TV Globo, TV Cultura, Jornal de Brasília, Correio Braziliense, Jornal do Guará e Portal Metrôpoles. O deputado distrital Max Maciel, de Ceilândia, fez uma indicação ao Poder Executivo, por intermédio da administração do Guará, para oficializar a escultura enquanto monumento na região. “A obra de arte em si será uma atração turística e cultural para a região”, destaca o documento protocolado pelo parlamentar.

No dia de sua inauguração, doze artistas de Ceilândia e região foram até a obra e ao Museu. A Vila foi reocupada por barracos humanos em performance<sup>34</sup>. Casas de madeirite, papelão e lona. Retomada. Uma visita inesperada. A bandeira anuncia que o Brasil é uma invasão e que estamos reinvasando. Confrontamos um “museu vivo” que morreu na inauguração de Brasília. Queremos erradicar desigualdades sociais. O que você está olhando Juscelino Kubitschek?

---

34. GU DA CEI. Ceilândia: território em trânsito. YouTube, 2023. Disponível em: [https://youtu.be/kFwaaUSoEok?si=igdz\\_exyeLTTIH-S](https://youtu.be/kFwaaUSoEok?si=igdz_exyeLTTIH-S). Acesso em: 1 abr. 2023.

Corpo-território que carrega a experiência de ser e viver a grandiosidade e diversidade de Ceilândia. Coletividade que caminha para reocupar suas terras. Reapropriação. Desembarque para tornar-se monumento no local onde, em conversa com moradores da região, descobriu-se que existe o projeto de uma praça/terminal rodoviário. Em vez de especulação imobiliária, especulação criativa. Ceilândia é a próxima capital do Brasil.

É do interesse do governo e empresas negligenciar a história aqui colocada, pois ela revela injustiças e violações de direitos. Minimizam sua memória para evitar críticas ou condenações, moldando a opinião pública de acordo com seus interesses e mantendo a centralidade da narrativa romantizada de Brasília. Compreender os contextos e aprender com o passado é essencial para seguirmos invadindo terrenos sujos de poder. Não nos queriam por perto ou à vista, mas hoje deixamos nossas imagens para vigia-los.

INVASÕES  
INVASÕES  
INVASÕES  
URBANAS  
URBANAS  
URBANAS



Imagem 27: Frames da videoperformance "Território artificial". Otávio Abdalla, 2021.



Qual é

a casa

dos seus

sonhos?



Imagem 28: Candangos. Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023.



Imagem 29: Coovas Kamel. Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023.



Imagem 30: Invasor na capital. Performance e projeção no Centro Cultural Oscar Niemeyer, em Goiânia-GO. Gu da Cei, 2022. Foto por Matheus Barros.





Imagem 31: Ceilândia capital do Brasil.  
Performance e projeção no Centro Cultural  
Oscar Niemeyer, em Goiânia-GO. Gu da Cei,  
2022. Foto por Matheus Barros.

Imagem 32: Vila IAPI, em 1969. Arquivo Público do Distrito Federal.

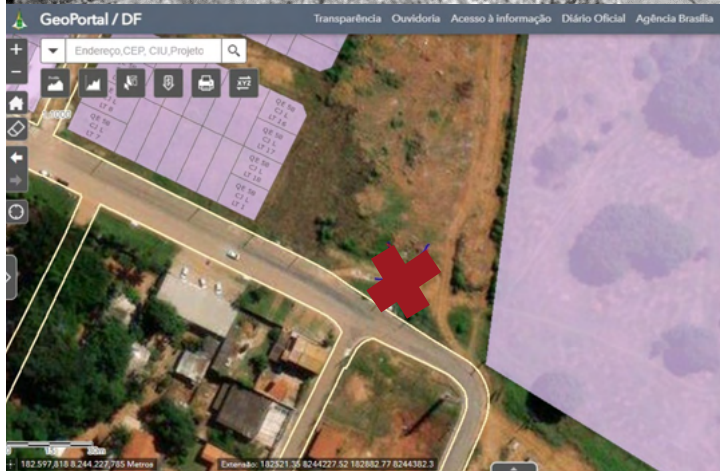


Imagem 33: Captura de tela do GeoPortal/DF. Local de instalação da escultura “Sonho de Morar” marcado por um X. À direita, a área do Museu Vivo da Memória Candanga.

118

Imagem 34: “Sonho de morar” durante fabricação em rua da Ceilândia. Gu da Ceí, 2023.



Imagem 35: “Sonho de morar” no local onde nasceu Ceilândia. Gu da Ceí, 2023.



119

Imagem 36: Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023. Foto por Taís Castro.



Imagem 37: Registro da performance "Território em trânsito" no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Ceí, 2023. Foto por Taís Castro.



Imagem 38: Lupita Dourado. Registro da performance “Território em trânsito” na escultura “Sonho de Morar”. Gu da Cei, 2023. Foto por Taís Castro.



Imagem 39: Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Ceí, 2023.







Imagem 40: Registro da performance  
“Território em trânsito” no Museu Vivo da  
Memória Candanga. Gu da Ceí, 2023.

Imagem 41: Cristyle. Registro da performance “Território em trânsito”.  
Gu da Ceí, 2023.





Imagem 43: Taylane Plácido. Registro da performance “Território em trânsito”.  
Gu da Cei, 2023.



Imagem 44: Matheus Barros. Registro da performance "Território em trânsito". Gu da Cei, 2023.



Imagem 45: Taylane Plácido. Registro da performance  
“Território em trânsito”. Gu da Cei, 2023.





Imagem 46: O reflexo. Registro da performance "Território em trânsito". Gu da Cei, 2023. Foto por Taís Castro.

Imagem 47: Registro da performance “Território em trânsito” atrás do Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023.







Imagem 48: Larissa Brenda.  
Registro da performance  
“Território em trânsito” no  
Museu Vivo da Memória  
Candanga. Gu da Cei, 2023.  
Foto por Taís Castro.

Imagem 49: Larissa Brenda. Registro da performance “Território em trânsito” no Museu Vivo da Memória Candanga. Gu da Cei, 2023. Foto por Taís Castro.



Imagem 50: Home, Kliff Afrik. Registro da performance "Território em trânsito". Gu da Cei, 2023.



Imagem 51: Kliff Afrik. Registro da performance  
"Território em trânsito". Gu da Cei, 2023.





Imagem 52: Gu da Cei em frente a escultura “Sonho de Morar”, 2023.  
Foto por Taís Castro.

Imagem 53: Vila IAPI. Gu da Cei, 2023.



Imagem 54: Registro da performance  
“Território em trânsito” no Museu  
Vivo da Memória Candanga.  
Gu da Cei, 2023. Foto por Taís Castro.



Imagem 55: Registro da performance “Território em trânsito”.  
Gu da Ceí, 2023. Foto por Taís Castro.





Imagem 56: Escultura “Sonho de Morar”. Gu da Cei, 2023.



Imagem 57: Taylane Plácido. Registro da performance  
“Território em trânsito”. Gu da Cei, 2023.





Imagem 58: Tatuagens no braço direito de Gu da Cei e detalhe da escultura Sonho de Morar. Foto por Matheus Barros.

Imagem 59: Larissa Brenda durante a performance “Território em trânsito”. Gu da Ceil, 2023. Foto por Matheus Barros.





Imagem 60: Lambe-lambe no  
Setor Bancário Sul, Brasília-DF.  
Gu da Cei 2023.

Imagem 61: Lambe-lambe no Buraco do Tatu, centro de Brasília-DF. Gu da Cei 2023.





Setor de  
Autarquias  
Quadra  
1



Imagem 62 e 63: Lambe-lambes no Setor de Autarquias, Brasília-DF. Gu da Cei 2023.

Imagem 64: Gu da Ceí durante a performance  
“Território em trânsito”. Gu da Ceí, 2023. Foto por Matheus Barros.





# SEJA INCANSÁVEL

É preciso invadir para fazer arte, ocupar distâncias, a precariedade do transporte coletivo, catracas, câmeras, remoções e cercas que mantêm o acesso livre para quem tem dinheiro para controlar e explorar. Apropriar-se do título de invasores. Ousar preencher espaços vazios de consciência coletiva. Apropriações simbólicas. Ser, assim como os pioneiros de Ceilândia, incansáveis. Não somos invasores daquilo que construímos. É vital perceber a intervenção urbana enquanto invasão.

O desenvolvimento tecnológico é irreversível e cabe a nós encontrar maneiras, sempre em atualização, de borrar, criptografar e confundir o tratamento de dados resultantes da vigilância. Driblar as barreiras que nos são impostas. Barreiras ao direito à cidade, à moradia, ao transporte e à privacidade. Barreiras que servem para manter desigualdades históricas.

Este texto e as ações por ele propostas são arte porque expressam a subjetividade do autor enquanto morador de Ceilândia, bem como a criação de sig-

nificado e experiências estéticas envolvendo a revisão histórica de seu território por meio de diferentes linguagens em reflexão crítica sobre a história do Distrito Federal. São pensamentos sobre a construção do espaço urbano e deslocamentos presentes e passados.

Ao contrário do que reitera Deleuze (2000), criar é comunicar. Vácuos de não-comunicação e desconexão precisam de articulação e troca de informação prévia. A criação comunica sua existência e identidade. E se, segundo o autor (2000, p. 218), “acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle”, a arte acredita no mundo. Resta ao mundo acreditar na arte.

**ALTO E  
ESTRIDENTE**

*Sinto saudades da cigarra que dormia ao meu lado  
Ela cantava para lembrar de sua presença  
Alto e estridente  
Surgia de noite e parecia sugerir que deixei coisas a fazer,  
como procurá-la  
Partiu sem que eu a visse*

*Todo dia um Gu diferente  
Muitas versões da mesma história  
Cria da CEI brincando no lixo  
Solitário que não está só*

*Ecos e egos  
Acordar para ler para minha mãe suas mensagens  
O que eu tenho a dizer para o meu eu de amanhã?  
Seja.  
Corrigir a história*

*Pés plantados na lembrança de viver  
Maranhão Candanga Ceilândia  
Descubro minha quebrada  
Everything we weed*

*Aceitar a loucura  
Não ser o outro que me acorrenta  
Viver a contradição  
Rever o que eu não vi  
Ser tudo o que eu preciso e prefiro ser*

*Pegue o primeiro ônibus que passar  
Pule as catracas da imaginação  
Segura que o ônibus vai virar  
Sem vaidade, vá de verdade  
Descubra o novo*

*Muitas ruas da Ceilândia não tem fim  
De bicicleta, vejo casas que gostaria que fossem minhas  
Possuímos o direito  
Eu sou um assento de ônibus  
Não estou reservado a mim*

*Imagem, intimidade, moradia, transporte, cidade, privaci-  
dade  
Ficar parado também é um movimento  
Tire a sua rola daqui*

*Uma janela que dá para outra janela  
Uma ponte  
As duas engradeadas*

*Dia da ilegalidade  
O que você faria se ninguém estivesse olhando?  
Quem não deve não teme?*

*Quebra da lei  
Quebra da junta  
Quebrada  
Como quem dança e toma banho na Caixa d'Água*

*Gu da Cei*

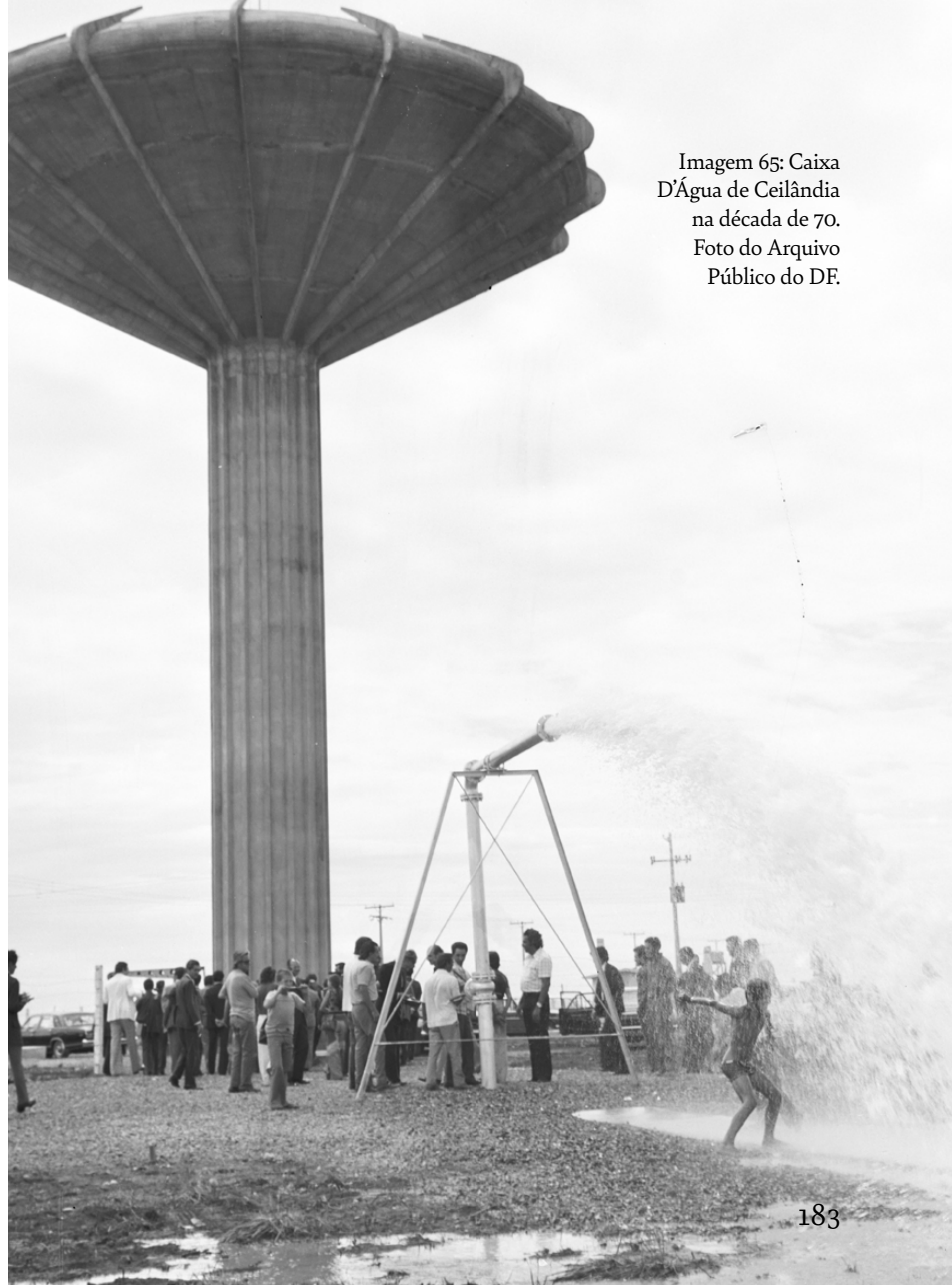


Imagem 65: Caixa  
D'Água de Ceilândia  
na década de 70.  
Foto do Arquivo  
Público do DF.

**COLABORARAM  
COM SUA ARTE**

Anderson Silva  
Ana Caroline Brito  
Bruno Rangel  
Coovas Kamel  
Cristyle  
Dnego Justino  
Francisco Batista  
Kliff Afrik  
José da Luz  
Laianny Gonçalves  
Larissa Brenda  
Leonardo Tostes  
Lucas Teixeira  
Lupita Dourado  
Matheus Barros  
Taís Castro  
Taylane Plácido  
Vittor Sinistra  
Webert da Cruz

*Muito obrigado!*

## BIBLIOGRAFIA

ABDALLA, Otávio. Território Artificial. 2021. Intervenção urbana.

AGÊNCIA BRASÍLIA. Biometria facial é obrigatória em 100% dos ônibus do DF. Secretaria de Transporte e Mobilidade (SEMOB), 2018. Disponível em: <https://www.semob.df.gov.br/biometria-facial-e-obrigatoria-em-100-dos-onibus-do-df/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

AGÊNCIA BRASÍLIA. Ceilândia agora tem um parque de videomonitoramento. Agência Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/01/23/ceilandia-agora-tem-um-parque-de-videomonitoramento/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

AGÊNCIA BRASÍLIA. Inaugurada Central de Monitoramento Remoto na Estrutural. Agência Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/12/02/inaugurada-central-de-monitoramento-remoto-na-estrutural/>. Acesso em 29 abr. 2022.

ALBUQUERQUE, Natasha de; MEDEIROS, Bia. composição urbana: supreenção e fuleragem. *METAgaphias*, v. 1, n. 4, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/390>. Acesso em: 05 ago. 2023.

ARQUIVO PÚBLICO DO GOVERNO FEDERAL. Administração Regional de Taguatinga. Secretaria de Estado de Fazenda do Distrito Federal. Taguatinga, cosmopolita e independente com ritmo de cidade grande. Arquivo Público do Governo Federal, 2014. Disponível em: [https://issuu.com/fazendadf/docs/livreto\\_agtag](https://issuu.com/fazendadf/docs/livreto_agtag). Disponível em: 18 ago. 2023.

BARBOSA, Daniela Pereira. O patrimônio de Brasília além do Plano Piloto: uma análise de dossiês de tombamento, 1959-2014. 2021. 352 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/42001>. Acesso em: 03 ago. 2023.

BOM DIA DF. Assaltos em ônibus e furto a pedestre aumentaram em 2022 - 14/06/2022. *Globoplay*, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10666753/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

BOMFIM, Fabiano; RIOS, Alan. ‘Disseram que eu era traficante’, diz pedreiro preso injustamente. R7 Brasília, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/disseram-que-eu-era-trafficante-diz-pedreiro-preso-injustamente-16122021>. Acesso em: 24 abr. 2022.

BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Tradução de Milena P. Duchiate. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

BRAGON, Ranier. Roriz favoreceu empresas de transporte de Constantino. *Folha de São Paulo*, 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1507200702.htm>. Acesso em: 06 ago. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 05 abr. 2022.

BRASIL DE FATO. Família da ocupação CCBB são despejadas pela quarta vez na pandemia. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSzYdJOFOf4>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BRASIL DE FATO. Governo Ibaneis aprova mais de R\$ 1 bilhão em repasse para empresas de ônibus somente este ano. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatodf.com.br/2022/05/11/governo-ibaneis-aprova-mais-de-r-1-bilhao-em-repasse-para-empresas-de-onibus-somente-este-ano>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BRIGHENTI, Andrea Mubi. Artveillance: at the crossroads of art and surveillance. *Surveillance & Society*, v. 7, n. 2, 2010, p. 137-148. Disponível em: <https://doi.org/10.24908/ss.v7i2.4142>. Acesso em:

23 jun. 2022.

BRUNO, Fernanda. Controle, flagrante e prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. *Revista FAMECOS*, v. 15, n. 37, p. 45-53, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4799>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BUOLAMWINI, Joy; GEBRU, Timnit. Gender shades: Intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. *Proceedings of Machine Learning Research*, v. 81, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://proceedings.mlr.press/v81/buolamwini18a.html>. Acesso em: 20 maio 2022.

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL. CPI do Transporte Público do DF. Relatório final. Brasília: Câmara Legislativa do Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/documents/5744614/14482874/01+-+Relat%C3%B3rio+Final+do+Relator+Deputado+Raimundo+Ribeiro>. Acesso em: 01 ago. 2023.



CARVALHO, LETÍCIA. Artista cria performance com imagens da biometria facial de ônibus do DF.

G1 DF, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/07/19/artista-cria-performace-com-imagens-da-biometria-facial-de-onibus-do-df.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2022.

CENTRO DE OPERAÇÕES RIO. Institucional. Prefeitura do Rio de Janeiro, © 2022. Disponível em: <http://cor.rio/institucional/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CHIA, Rodrigo. Então, basicamente, permanecem as perguntas iniciais, que repito para o caso de alguém saber as respostas: [...]. 11 maio 2022. Twitter: @rodrigokchia. Disponível em: <https://twitter.com/rodrigokchia/status/1524397940197969921>. Acesso em: 02 ago. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da

Rocinha. Correio Braziliense, 2013. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna\\_cidadesdf,390588/major-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf,390588/major-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml). Acesso em: 21 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. 3ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34.

ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro volta a chamar nordestinos de ‘pau de arara’: ‘Pô, é isso aí’. Isto É Dinheiro, 2022. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-volta-a-chamar-nordestinos-de-pau-de-arara-po-e-isso-ai/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

FEITOZA, Valéria. TCDF determina a realização de nova licitação para concessão de linhas de ônibus urbanas. Tribunal de Contas do Distrito Federal, 2022. Disponível em: <https://www2.tc.df.gov.br/tcdf-determina-a-realizacao-de-nova-licitacao->

para-concessao-de-linhas-de-onibus-urbanas/. Acesso em: 04 ago. 2022.

FERNANDES, Danielly. Justiça impede sistema de reconhecimento facial do Metrô de SP. Jota, 2022. Acesso em: Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/protexao-de-dados/reconhecimento-facial-metro-de-sp-23032022>. Acesso em: 24 abr. 2022.

FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. O que é (ou o que estamos chamando de) 'Colonialismo de Dados'?. PAULUS: Revista de Comunicação Da FAPCOM, [S. l.], v. 5, n. 10, 2021. DOI: 10.31657/rcp.v5i10.458. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/458>. Acesso em: 20 maio 2022.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

G1. Google confirma a compra da Waze. G1, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/06/google-confirma-compra-da-waze.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

G1 CE. Foto de astro do cinema Michael B. Jordan aparece em lista de procurados pela polícia do Ceará. G1 CE, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/01/07/astro-do-cinema-michael-b-jordan-appece-em-lista-de-procurados-pela-policia-do-ceara.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

G1 DF. Brasília está entre os 10 piores sistemas de transporte público do mundo, diz estudo. G1 DF, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/brasilia-esta-entre-os-10-piores-sistemas-de-transporte-publico-do-mundo-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2022.

GENTIL, Cristine. Câmeras de monitoramento térmico já estão funcionando no Metrô-DF. Metrô-

DF, 2020. Disponível em: <https://metro.df.gov.br/?p=46160>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GU DA CEI. Ceilândia: território em trânsito. YouTube, 2023. Disponível em: [https://youtu.be/kFwaaUSoEok?si=igdz\\_exyeLTTIH-S](https://youtu.be/kFwaaUSoEok?si=igdz_exyeLTTIH-S). Acesso em: 1 abr. 2023.

GU DA CEI. Gu da Cei • Sorria que eu estou te filmando. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ep6pycopDOU>. Acesso em: 01 maio 2022.

HARA, Pedro. Placa chama atenção de quem passa perto da Prefeitura de Goiânia. Portal 6, 2023. Disponível em: <https://portal6.com.br/2023/06/02/placa-chama-atencao-de-quem-passa-perto-da-prefeitura-de-goiania/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

HAESBAERT, Rogerio. Viver no Limite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - DF. Número de domicílios vazios seria capaz de absorver toda demanda habitacional no DF. Brasil de Fato, 2023. <https://www.brasildefatodf.com.br/2023/07/25/numero-de-domicilios-vazios-seria-capaz-de-absorver-toda-demanda-habitacional-no-df>. Acesso em: 7 ago. 2023.

Invasores ou excluídos. Direção e produção de Cesar Mendes e Dulcídio Siqueira. Brasília, 1989. Disponível em: <https://youtu.be/dhOPxZ3EGnk>. Acesso em: 21 set. 2021.

JESUS, Ana Maria de. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2002.

KABE RODRÍGUEZ, Yná. Uma Construção (Ou faltam paredes na casa das pariceiras). 2023. Instalação.

KARIÚ. Adriane. Brasília, Cidade Esperança. 2021. Fotografia.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p. 41–60, 2013. DOI: 10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LUIZ, Gabriel. Ibaneis compra casa mais cara já vendida no DF; mansão de R\$ 23 milhões fica no Lago Sul. G1 DF, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/02/28/ibaneis-compra-casa-mais-cara-ja-vendida-no-df-mansao-de-r-23-milhoes-fica-no-lago-sul.ghtml>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MAPA DE CONFLITOS, INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. DF – Indígenas lutam por permanência e reconhecimento de santuário e território tradicional. Mapa de conflitos, injustiça ambiental e saúde no Brasil, © 2023. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/df-indigenas-lutam-por->

[permanencia-e-reconhecimento-de-santuário-e-territorio-tradicional/#sintese](#). Acesso em: 26 jul. 2023.

MENDES, Ilton Ferreira. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2002.

MUSEU CASA DA MEMÓRIA VIVA DA CEILÂNDIA. Facebook: [museucasadamemoriaviva](https://www.facebook.com/museucasadamemoriaviva), s.d. Disponível em: <https://www.facebook.com/museucasadamemoriaviva/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MUSEU VIRTUAL DE CEILÂNDIA. Museu Virtual de Ceilândia, ©2023. Disponível em: [www.museuvirtualdeceilandia.com.br/](http://www.museuvirtualdeceilandia.com.br/). Acesso em: 20 ago. 2023.

OLIVEIRA, Geovana; GALVÃO, Walder. Assaltos em ônibus crescem 42% em setembro em relação ao ano passado. Correio Braziliense, 2019.

Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/10/25/interna\\_cidadesdf,800743/assaltos-em-onibus-crescem-42-em-setembro-em-relacao-ao-ano-passado.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/10/25/interna_cidadesdf,800743/assaltos-em-onibus-crescem-42-em-setembro-em-relacao-ao-ano-passado.shtml). Acesso em: 07 ago. 2023.

OLIVEIRA, Tony Marcelo Gomes de. A erradicação da Vila IAPI: marcas do processo de formação do espaço urbano de Brasília. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4991>. Acesso em: 27 abr. 2022.

RANGEL, Rodrigo. O empresário e o crime da garagem. Época, 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT19382-15223,00.html>. Acesso em: 04 ago. 2023.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA

JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Org.). Qual o espaço do lugar? – Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

SANTOS, Gustavo Azevedo da Silva. Face Recognition: o rosto da insatisfação contra vigilante. 2018. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/22511>. Acesso em: 22 de abr. 2022.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SARAIVA, Clemilton; HAMARAL, Leão; COSTA, Lucas. Ceilândia: do preconceito ao orgulho. 1. ed. Brasília: Berkley Books, 2023.

SECOVI. Secovis divulgam dados de imóveis em Brasília, Rio e São Paulo. Secovi, 2022. Disponível em: <https://secovidf.com.br/secovis-divulgam-dados-de-imoveis-em-brasilia-rio-e-sao-paulo/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SIBILIA, Paula. O artista como performer: Dilemas do eu espetacular nas artes contemporâneas. In: LABRA, Daniela (Org.). Performance presente futuro – vol. II. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

SILVA, Tarcízio. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. Tarcízio Silva, 2019. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo>. Acesso em: 22 abr. 2022.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. NÚCLEO DE APOIO À PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL. Processos Históricos: Memorial TJDF. Os incansáveis moradores da

Ceilândia. Processo 9832/1980. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, s.d. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/gestao-do-conhecimento/centro-de-memoria-digital/documentos/processos-historicos/os-incansaveis-moradores-da-ceilandia>. Acesso em: 20 ago. 2023.

VASCONCELOS, Isamara Martins. Do pau-de-arara às corporações do transporte: poder de família e política no sistema de transporte público por ônibus no Distrito Federal (1960-2016). 2021. 201 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/42972>. Acesso em: 16 abr. 2023.

VIRILIO, Paul. O Espaço crítico. Tradução de Paulo Roberto Pires. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WECKERT, Simon. Google Maps Hacks by Simon Weckert. YouTube, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/k5eL\\_al\\_m7Q](https://youtu.be/k5eL_al_m7Q). Acesso em: 1 maio 2022.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In: BRUNO, Fernanda et al. (org.). Tecropolíticas da Vigilância: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17-68.

**Diagramação por Laianny Gonçalves.**

